

O FENÔMENO DA GRIPE ESPANHOLA: PARADIGMAS ENTRE A ESFERA GLOBAL E NACIONAL

THE SPANISH FLU PHENOMENON: PARADIGMS BETWEEN THE GLOBAL AND NATIONAL SPHERES

EL FENÓMENO DE LA GRIPE ESPAÑOLA: PARADIGMAS ENTRE LOS ÁMBITOS MUNDIAL Y NACIONAL

Anselmo Ronsard Cavalcante¹

Ana Vitória Imperiano da Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar a importância da síndrome imunológica do vírus H1N1 entre os anos de 1918 a 1920, momento a qual marcou a história sanitária no ocidente e ficou conhecida como Gripe Espanhola; sendo denominada desta forma, não por se originar na Espanha, mas pelo fato do país ser um dos primeiros a reconhecer sua existência. A cepa do H1N1 era incomum entre os vírus de influenza, ou seja, seu poder de contágio era tão grande que rápido se expelia e se disseminava entre as pessoas. O contexto vivenciado era o final da 1ª Guerra Mundial, na qual os soldados eram mantidos juntos em alojamentos e viagens pelo mundo eram muito frequentes, assim, se tornando fácil o poder de contaminação e propagação do vírus. Após cem anos de sua existência, o mundo enfrenta uma nova pandemia acarretada pela disseminação do novo Coronavírus que contém um alto índice de contágio e proliferação. Deste modo, viver em tempos de pandemia na qual as esferas econômicas e sociais precisaram se adequar as normas de segurança sanitária para vivenciar um “novo normal” é revisitar o que foi o fenômeno da Gripe Espanhola, como as pessoas encaram a doença e quais foram os seus impactos na sociedade.

Palavras-chave: Gripe Espanhola, Pandemia Secular, Fenômeno Global, Medo.

1 Docente do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, especialista em pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB e mestre em Desenvolvimento Regional no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba - PPGDR/UEPB. E-mail: anselmo.ronsard@yahoo.com.br

2 Graduada do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, bolsista do programa de Iniciação à Docência – Residência Pedagógica, Subprojeto História, Campus I da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: imperianoanavitoria@gmail.com



ABSTRACT

This article aims to address the importance of the immunological syndrome of the H1N1 virus in the years 1918 to 1920, a moment that marked the health history in the West and became known as the Spanish Flu; being called that way, not because it originated in Spain, but because the country was one of the first to recognize its existence. The H1N1 strain was unusual among influenza viruses, that is, its contagious power was so great that it quickly expelled and spread among people. The experienced was the world of the World War, so what was the world of the World War, so the soldiers were all together in barracks and trips were very frequent, so the world of the World War was qualified, so the soldiers were easier to understand and the context of the virus. hundred years of new life that the pandemic would imply by the implementation of new times of life a pandemic, which would imply the implementation of new times of social life and its pandemic, insofar as the implementation of new social times is necessary and does not need to be so as to comply with the standards. of health security to experience a “new normal” is to revisit what the Spanish Flu phenomenon was, how people view the disease and what its impacts were on society.

Keywords: Spanish Flu, Secular Pandemic, Global Phenomenon, Fear.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar la importancia del síndrome inmunológico del virus H1N1 entre los años 1918 a 1920, momento que marcó la historia de la salud en occidente y se conoció como Gripe Española; llamándose así, no por su origen en España, sino porque el país fue uno de los primeros en reconocer su existencia. La cepa H1N1 era inusual entre los virus de la influenza, es decir, su poder de contagio era tan grande que rápidamente se expulsaba y se propagaba entre las personas. El contexto vivido fue el final de la Primera Guerra Mundial, en la que los soldados se reunían en cuarteles y los viajes alrededor del mundo eran muy frecuentes, por lo que el poder de contaminación y propagación del virus se hizo fácil. Después de cien años de su existencia, el mundo se enfrenta a una nueva pandemia provocada por la propagación del nuevo Coronavirus, que tiene un alto índice de contagio y proliferación en el mundo seguridad sanitaria vivir una “nueva normalidad” es volver a visitar qué fue el fenómeno de la gripe española, cómo la gente ve la enfermedad y cuáles fueron sus impactos en la sociedad.

Palabras clave: Gripe Española, Pandemia Secular, Fenómeno Global, Miedo.

INTRODUÇÃO

No século XX o mundo deparou-se com a síndrome epidemiológica da gripe espanhola, também conhecida como influenza viral H1N1. Muito de sua história foi documentada a luz da imprensa jornalística e no Brasil ela veio a somar como mais um problema de saúde pública, assim como a malária, hanseníase, febre tifoide, febre amarela, entre outras doenças que foram fruto do seu tempo e da sua época. Neste sentido, o dado texto se encontra dividido em três partes: a gripe espanhola no mundo, a gripe espanhola no Brasil e a gripe espanhola na modernidade enfatizando aspectos no cotidiano e na forma como a sociedade



encarava a devida realidade.

A metodologia utilizada trata-se de cunho empírico através de fontes primárias e secundárias, como jornais de época, artigos científicos e livros acadêmicos que tratam da temática em foco. Logo, revisitar tal documentação é dar vida a história, resgatar a memória e nos questionar: até que ponto a gripe espanhola pode ser considerada um fenômeno nas lentes destes arquivos? Para adentrar em tal indagação recorreremos ao conceito esotérico do que viria a ser esta fenomenologia “Quando a astronomia tomou a dianteira (...) e as pessoas começaram a imaginar que todas as coisas terrestres eram governadas pelos céus, alguns médicos italianos propuseram que essa desordem provinha da influência das estrelas, e então deram a ela o nome de influenza.” (SILVEIRA, 2005 apud CAMPBELL, 1943)

Se no passado remoto, os astros deram uma resposta para o que estava além da ciência, em plena renascença, o que dizer de uma síndrome viral em um mundo que mesmo havendo a industrialização encontrava-se em um pertencimento agrário e rural? Como pensar a reação das pessoas que vivenciaram com espanto as transformações em maior ou menor escala em diversos lugares? O que dizer do espírito de religiosidade ou mesmo do sincretismo teocêntrico que os indivíduos carregavam? Ademais, a modernidade trouxe a grande guerra e com o seu fim, um novo cenário foi encabeçado: a disseminação da gripe espanhola pelo mundo que resultou um cenário de incertezas perante as indagações prescritas.

A GRIPE ESPANHOLA NO MUNDO

Mal se comemorou o fim da grande guerra, em 1918, outra fatalidade estava por vir: a Gripe Espanhola; causando medo e espanto entre aqueles que acreditavam em dias melhores e mais pacíficos. Esta síndrome imunológica não se originou na Espanha, porém, ao contrário de outros países do mundo, a Espanha possuía a imprensa livre e o fato do rei espanhol contrair a gripe se espalhou nos noticiários de todo o país o que fez com que os norte-americanos tomassem conhecimento do que estava a acontecer e da proporção que a doença poderia tomar. Neste sentido, o Tratado de Versalhes pôs fim a 1ª guerra, mas não evitou a propagação do H1N1 no mundo, desafiando as respostas oriundas entre fé e razão.

Propagou-se a possibilidade que a gripe tenha se fundido nos Estados Unidos com direção a Europa a partir do embarque de soldados americanos das Arkansas como também através da França, pelo transporte marítimo e terrestre, ou seja, com o embarque de soldados da Entente ao retorno de seus países.

Estima-se que quarenta a cinquenta milhões de pessoas foram vítimas da doença, um número maior do que aqueles que foram atingidos pela 1ª guerra mundial, a qual possui em números, uma quantidade em torno de nove milhões de pessoas afetadas. Logo, o vírus da H1N1 só foi reconhecido de forma oficial em 1923 e sua vacina difundida no final da 2ª guerra mundial, em 1944.

Praticamente nenhum lugar escapou da espanhola. Seu vírus penetrou a China, Japão, Rússia, Indonésia, Filipinas, Portugal, França, Inglaterra, Holanda, Ásia, África, Estados Unidos, Canadá, México, Brasil, Chile,



Argentina, Uruguai etc. não dando trégua a humanidade.

“A gripe atingiu Portugal e depois a Grécia. Em junho e julho as taxas de mortalidade na Inglaterra, na Escócia e no País de Gales aumentaram vertiginosamente. Em junho, a Alemanha sofreu surtos esporádicos no início e em seguida uma epidemia varreu o país inteiro a todo vapor. A Dinamarca e a Noruega começaram a ser afetadas em julho; a Holanda e a Suécia em agosto.” (BARRY, 2020, p. 188)

Neste contexto, a fim de demonstrar o poder de proliferação da doença e como a encaram na época, segue o depoimento de um médico norte-americano publicado no jornal *British Medical* quase 60 anos após a pandemia:

“A doença começa como o tipo comum de gripe, mas os doentes desenvolvem rapidamente o tipo mais viscoso de pneumonia jamais visto. Duas horas após darem entrada no hospital, têm manchas castanho-avermelhadas nas maçãs do rosto e algumas horas mais tarde pode-se começar a ver a cianose estendendo-se por toda a face a partir das orelhas, até que se torna difícil distinguir o homem negro do branco. A morte chega em poucas horas e acontece simplesmente como uma falta de ar, até que morrem sufocados. É horrível. Pode-se ficar olhando um, dois ou 20 homens morrerem, mas ver esses pobres- diabos sendo abatidos como moscas deixa qualquer um exasperado.” (FIOCRUZ, 2006)

Depoimento como este, ressalta o imagético para compreensão de um mundo a qual guarda diferenças e até semelhanças com o tempo presente. Se no passado o desabrochar da modernidade implementou a *Belle Époque*, ao mesmo tempo uma nova leitura do mundo passou a ser repensada com o fim do conflito europeu, como afirmou Paul Valéry (1919) “Nós, civilizações, sabemos que somos mortais” frase que pode ser compreendida não só com o final da 1ª grande guerra, mas também com o crepúsculo da espanhola.

Diante de tais situações do pós guerra (1914-1918) o fenômeno da Gripe Espanhola veio a somar mais uma problematização nas primeiras décadas do século XX, como a acirrada questão social entre pobres e ricos, fruto também do processo de industrialização e crescimento demográfico em evolução a partir do desenvolvimento das cidades pelo fascínio urbano, mesmo em um mundo ainda de características agrárias com acedentes de motins, revoltas e revoluções de anarquistas, camponeses, operários e sindicalistas. No pêndulo da vida, a variante da síndrome do H1N1 marcou sua passagem no século passado como um vulcão em erupção no planeta causando verdadeira devastação e espanto.

Apesar do aparecimento das academias científicas nos fins do século XIX, a medicina sempre esteve um pouco atrás da física, química, mecânica e outras ciências exatas, principalmente no Estados Unidos em relação a Alemanha. Até o fim da 1ª guerra mundial, os antibióticos ainda eram objetos de estudos, os microscópios não detectavam o vírus e os aparelhos circulatórios não atendiam o avanço da gripe. Entretanto, é importante ressaltar, que mesmo sem todo o suporte imunológico avançado, médicos e enfermeiros tentaram deter a doença com as ferramentas que os detinha.



A GRIPE ESPANHOLA NO BRASIL

Segundo relatos, no Brasil, a H1N1 chegou pelos portos das cidades como a de Santos no Rio de Janeiro, Recife e Salvador, difundindo-se acentuadamente nestas capitais e posteriormente adentrando o interior. As dificuldades na saúde pública já era realidade no país, entretanto os agentes higienistas tentaram cumprir seu papel de norte a sul.

No andar panorâmico da conjuntura política brasileira, homens como Belizário Pena, Carlos Chagas entre outros médicos sanitaristas comandaram a projeção dos destinos da saúde pública no Brasil. O foco pandêmico do fenômeno da gripe espanhola veio reafirmar a frase do literário Monteiro Lobato em seu livro 'Urupês' (1918) ao dizer que "o Brasil é um grande hospital" acumulando epidemias como febre amarela, cólera, hanseníase, tuberculose, sífilis etc. A fundação norte-americana Rockefeller firmou convênio com o governo brasileiro a fim de dar suporte a causa sanitária, tendo em vista que o país se encontrava em desenvolvimento, não só no campo da saúde, mas em diversos setores, entre eles, o da comunicação. Embora o telégrafo fosse realidade no Brasil a comunicação ainda era muito precária e para que uma notícia chegasse ao interior passavam-se dias ou meses.

A espanhola causou tanto espanto no povo brasileiro que até a batizarão de "a bailarina", pois onde passava bailava, deixando um saldo negativo de vítimas, acarretando mortes, e aos que sobreviviam, sequelas.

"Há quem diga que se pode avaliar a importância de uma doença pela quantidade de nomes que ela recebe. É o caso da gripe espanhola, que impingiu um verdadeiro flagelo mundial, de 1918 até o início de 1920. A moléstia foi chamada também de "bailarina" – porque dançava e se disseminava em larga escala, e porque o vírus deslizava com facilidade para o interior das células do hospedeiro e se alterava ao longo do tempo e nos vários lugares em que incidia -, de "gripe pneumônica", "peste pneumônica", "grande influenza" ou, simplesmente, de espanhola." (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 25)

Naquele dado momento o país contava como presidentes Wenceslau Braz, Delfim Moreira e Eptácio Pessoa sendo diretor geral da saúde pública, Carlos Seidl na qual a imprensa da época relatava a insatisfação com o então diretor geral alegando que a epidemia era fruto da incompetência administrativa dos governantes. Logo, a saúde pública era vista como vítima da politicagem. Os jornais passavam a ideia que o plano de Seidl seria destruir a obra sanitária de Oswaldo Cruz.

FIGURA 01 – A ESPANHOLA E A SAÚDE PÚBLICA



A espanhola — Faça o favor de dizer ao diretor que estou as suas ordens.
 Funcionário da Saúde — Mas creio que não há mais lugar.
 A espanhola — Mas como não, se o doutor Seidl me disse que eu aqui teria uma
 colocação segura. Isto é um embuste!
 (A Gazeta de Notícias, 29.9.1918, p. 1).

FONTE: SCIELO BRASIL (2005)

A charge evidência não só a crítica a Carlos Seidl, mas a criação de uma instituição séria voltada para as questões de saúde pública. A epidemia colocava em pauta discussões sobre as instituições e as políticas de saúde, assim como a reformulação da Diretoria Geral de Saúde Pública, as relações existentes entre medicina e sociedade e as condições sanitárias do país.

O médico Pedro Nava, além de exercer a medicina, foi um personagem que também se voltou a causa política e não deixou de clamar por justiça pelo o que vinha a acontecer no Rio de Janeiro. Como agente de saúde pública ditava com indignação a situação catastrófica que o Distrito Federal vivenciava. As casas de caridade e entidades filantrópicas, além das igrejas, por vez, responderam mais aos problemas da gripe espanhola do que a agência sanitária, acolhendo enfermos e até pessoas ligadas a cargos públicos. Agentes funerários também se encontraram na linha de frente e até mesmo muitas pessoas do cotidiano urbano se voluntariaram a causa da epidemia.



“Enquanto isso, a velocidade da transmissão tornava-se inacreditável: o período de incubação era curto, de um a três dias; o número de pessoas infectadas, muito elevado; e a moléstia apresentava alto grau de letalidade. Os sintomas variavam, mais atrapalhando que ajudando na confirmação do contágio: zoeira nos ouvidos, surdez, cefaleia, hipertermia simples, eram os mais relatados. Mas esse era só o começo. Surgiam, então, as diarreias, os vômitos sanguíneos, as hemorragias, fase em que era comum ocorrerem perturbações nos nervos cardíacos e infecções que alcançavam intestinos, pulmões e meninges, levando a vítima a uma série de sufocações, a dores lancinantes, ao letargo, ao coma, à uremia, à síncope e por fim à morte, em algumas horas ou poucos dias.” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 125)

Embora o cenário pecaminoso, vivia-se o crepúsculo da velha república do café com leite e da política dos governadores. São Paulo apresentava-se como terra próspera para os imigrantes, assim como para todo o Brasil, principalmente para o meio norte, como é evidenciado no romance de Jorge Amado: *Seara Vermelha* (1946) na qual a cidade de São Paulo é colocada como país. A semana de arte moderna tinha acontecido em menos de dez anos, inspirando mais tarde outro clio ‘O Regionalismo’ capitaneado pelo pernambucano Gilberto Freyre. Entretanto, a espanhola não tomou conhecimento de nada disso e foi devastadora.

A ESPANHOLA DIANTE DA MODERNIDADE

Entre as capitais brasileiras que vivenciaram a gripe espanhola, o Rio de Janeiro estava entre elas. O Distrito Federal era a cede das grandes transformações. Sob o comando de Pereira Passos, uma nova imagem para a cidade era planejada seguindo os parâmetros que a modernidade trazia. O prefeito se inspirava em Paris para fazer as reformas urbanísticas; construindo praças, ampliando ruas e criando estruturas de saneamento básico. Logo, com a reorganização do centro do Rio, pessoas foram retiradas de suas casas e realocadas para as periferias, local onde as condições de vida eram precárias e subalternas.

“O movimento que buscou, nos termos da época, “limpar” e “regenerar” a sociedade carioca, também expulsou a população mais pobre de suas moradas e propiciou a criação das muitas favelas que circundam até hoje a cidade. A destruição dos cortiços e a elevação vertiginosa dos preços obrigaram boa parcela das populações mais carentes e de baixa renda a mudar para as periferias ou subir os morros – sobretudo a população negra, que por lá construiria outras formas de sociabilidade. Se nos cortiços os moradores sofriam com a falta de higiene, que estimulava a proliferação de doenças, a situação ficaria ainda pior nas novas vizinhanças, que não contavam nem com saneamento básico nem com atenção da parte do governo.” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 120)

Uma vez que as condições de higiene e os cuidados básicos de saúde pública não eram garantidos, não demorou muito para que a gripe se espalhasse sobre comunidades causando espanto e euforia. Neste sentido,



a moléstia chegou na cidade do Rio de Janeiro a partir do desembarque de pessoas do navio Demerara, a qual possuía 367 passageiros acometidos pela doença; uns sentindo um leve resfriado, outros dor no corpo e já outros necessitando de cuidados médicos com urgência. O contágio se dava de forma imediata e a falta de estratégias para combate preventivo da doença intensificava ainda mais o quadro de contaminação. A vida urbana passou de um rol de esperança para um verdadeiro cativo de desilusões.

A capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, que havia sido projetada com a finalidade de abrigar imigrantes, não só do estado mineiro, como de outras regiões do país, também se deparou com a anomalia da epidemia. Setores da saúde, seja da agência municipal, estadual ou federal deram de cara com um auto número de mortos entre profissionais do município, como: cozeiros, enfermeiros, médicos, trabalhadores do comércio, entre outros.

Em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, gaúchos comentavam que nunca tinham visto algo parecido. As repartições públicas se encontravam vazias. “a rua da praia amanheceu vazia, bares e cafés ficaram desertos, casas comerciais baixaram as portas, bondes elétricos pararam, os colégios trancaram seus portões e a entrega de correspondência foi suspensa.” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p.217) Do mesmo modo que vinha acontecendo em várias cidades do Brasil, os jornais locais noticiavam o número de mortos que não parava de crescer e devido a quantidade de caixões não ser o suficiente, pessoas começaram a ser enterradas em valas coletivas.

Com o receio da morte, as pessoas estavam dispostas a experimentar qualquer coisa a fim de se proteger da doença. Uns amarravam bolinhas de naftalina e alho junto ao pescoço, outros faziam uma mistura com álcool, já outros recorriam a produtos farmacêuticos. Uma drogaria em Belo Horizonte anunciou um medicamento infalível para a gripe espanhola a qual se chamava cloroquinino. O produto era comercializado em forma de comprimido e difundia-se a ideia que curava a doença. Porém, a droga não protegia ninguém da H1N1, pois a eficácia do remédio era para o tratamento de malária.

FIGURA 02 – JORNAL DE 1918 DE MINAS GERAIS



FONTE: SITE DA UFMG (2020)

A modernidade diante da espanhola esforçou-se como pôde para responder a pandemia da H1N1. Sociedades científicas na Europa e Estados Unidos estudavam para encontrar uma possível cura. No Brasil, muitos se prendiam as soluções caseiras como os lambedores e xaropes como agentes paliativos para a doença. A organização Oswaldo Cruz que trabalhava em sintonia com a fundação americana Rockefeller, experimentou de tudo um pouco para se combater o vírus, até mesmo a vacina da varíola. Entretanto, apenas em 1933 cientistas britânicos anunciaram o isolamento do vírus causador da doença o que permitiu que posteriormente novos vírus do mesmo grupo fossem isolados possibilitando a elaboração de vacinas contra gripe. Em 1945, quando um novo surto se originou no Rio de Janeiro, pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz conseguiram isolar o bacilo gripal, passando a elaborar a vacina em território nacional. Deste modo, “O silenciamento da morte é assim coerente com a chegada da modernidade, que veio acompanhada pela urbanização, pela industrialização e por uma certa racionalidade científica disposta a driblar o aparecimento humano.” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p.336)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da gripe espanhola não deixou de ter características fenomenológicas em seus encontros e desencontros paradigmáticos para com a humanidade. Entre alguns fatores, há de se estimar que este grande acontecimento causou mais vítimas do que a 1ª guerra mundial, apesar de que não se tenha um número



exato de pessoas que foram atingidas pela doença. As relações de nomes registrados nos jornais de época, estima-se um número alto de mortes causando grande espanto e comoção para um público sobrevivente que veio a ser lembrado pela luz da história.

A temática vem sendo revisitada no atual momento devido a pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus a qual se manifestou por todo mundo, provocando medo e gerando incertezas diante do cenário devastador. Embora, nos dias atuais, haja o avanço no campo da ciência e tecnologia é importante ressaltar que as crises de saúde também são reflexos das respostas e silenciamentos de autoridades. Assim como houve a proliferação da H1N1 e cada estado e região do país, e do mundo, lidou com uma forma de combate e prevenção, aconteceu da mesma maneira com a proliferação do novo Coronavírus. O plano de vacinação, da atual pandemia, chegou mais rápido em alguns lugares do mundo do que em outros, devido a organização e articulação política dos países. “O aprendizado com a espanhola indica que nós poderíamos ter criado um plano de enfrentamento da covid-19 e talvez reduzido significativamente os danos causados pela pandemia.” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p.331)

No passado, alguns medicamentos foram utilizados no Brasil para combate a espanhola, como o cloroquinino. Já no tempo presente, um medicamento basicamente com a mesma composição do que foi anunciado nos tempos da república velha (1889-1930) fora vendido nas farmácias brasileiras como paliativo do vírus que causara a pandemia. Esta droga é a cloroquina a qual foi desautorizada pela comunidade científica, pois foi comprovado que o medicamento serve para o tratamento da malária, assim como o cloroquinino.

Portanto, a pandemia ocasiona pela gripe espanhola e seus efeitos sobre a população global se encontra como reflexo na atualidade, demonstrando que em cem anos avanços ocorrem no campo da medicina, entretanto, muitos métodos e alternativas de prevenção se mantiveram acompanhado pelo medo da população global diante de um contexto imprevisível.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. 34ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1978.

BARRY, John M. **A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BEZERRA, Juliana. **Gripe espanhola**. Toda Matéria, História Contemporânea, 2015. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/gripe-espanhola/>. Acesso em: 10/11/2021.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar**. O Rio moderno dos anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FIOCRUZ. **Pandemia de Gripe de 1918**. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> Acesso em: 25 de fev. de 2022.



FILHO, Lauro Arruda Câmara. **Gripe espanhola: a mãe das pandemias**. Hospital do Coração, 2020. Disponível em: <<https://hospitaldocoracao.com.br/novo/midias-e-artigos/artigos-nomes-da-medicina/gripe-espanhola-a-mae-de-todas-pandemias>>. Acesso em: 11/11/2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e introdução de Roberto Machado.

3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. ed. Imago, 1975.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVEIRA, Anny J.T. **A medicina e a influenza espanhola de 1918**. Revista Tempo, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 91-105.

SCIELO BRASIL. **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Wkqm45R4ptVzTqSpKxJhfRh/?lang=pt> Acesso em: 25 de fev. de 2022.

SCHWARCZ, M. L.; STARLING, M. H. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. **Medo e morte: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Heloisa Starling e Lilian Schwarcz contam a história da gripe espanhola, a 'bailarina da morte'**. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/heloisa-starling-e-lilian-schwarcz-contam-a-historia-da-gripe-espanhola-a-bailarina-da-morte> Acesso em: 25 de fev. de 2022.

VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.